PRÉ-CONCEITOS, FRONTEIRAS E SABERES EM *O SACI*, DE MONTEIRO LOBATO

Acácio Luiz Santos*

RESUMO: Este artigo investiga o cruzamento de fronteiras e a troca de saberes das diferentes visões culturais descritas em *O saci*, de Monteiro Lobato; assim, ele mostra o fracasso de preconceitos e configura uma *paideia* narrativa do conhecimento de seus próprios limites e triunfo sobre o medo.

Palavras-chave: práticas culturais; *paideia* narrativa; literatura e medo; literatura infantil; Monteiro Lobato.

ABSTRACT: This article investigates the crossing of borders and the exchange of knowledges from the different cultural views described in Monteiro Lobato's *O saci*; thus, it shows the failure of predudices and configurates a narrative *paideia* of the main character's understanding of his own limits and triumph over fear.

Key-words: cultural practice; narrative *paideia*; literature and fear; children's literature; Monteiro Lobato.

INTRODUÇÃO

O livro de Monteiro Lobato, *O saci*, voltado primordialmente para o público infantil, configura, além da instância narrativa, um espaço apropriado para a reflexão acerca das trocas culturais como fundamento importante da formação do indivíduo. Neste trabalho, apresento uma proposta de leitura da referida obra no sentido de clarificar a importância do cruzamento de fronteiras e da troca de saberes para a educação da personagem principal (no caso, o menino Pedrinho), que permite afirmar a diegese do livro como uma *paideia* narrativa, isto é, um processo de educação para a vida que se dá a partir das ações narradas e da transformação do personagem no decurso narrativo. Neste sentido, entre seus múltiplos significados, ganhará relevo o problema do medo e sua superação. Com isso, conto contribuir, em sentido estrito, para a fortuna crítica do escritor, tratando de um de seus mais conhecidos trabalhos, e, em sentido geral, para os Estudos Culturais, buscando compreender o sentido e a importância da vivência representada como forma de equacionar a permanente tensão entre subjetividade e alteridade, num caminho para o maior entendimento do indivíduo em relação a si, ao outro e ao mundo.

* Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói-RJ. Doutor em Literatura Comparada. Professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (GLC) do Instituto de Letras (UFF). Professor de Literatura Portuguesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). e-mail: santosacacioluiz@yahoo.com.br

1 ROMPENDO FRONTEIRAS, TROCANDO SABERES: UMA *PAIDEIA* NARRATIVA EM *O SACI*

O saci, de Monteiro Lobato, configura uma narrativa sapiencial sobre o contato do protagonista com um outro universo cultural, imaginário no caso, em coerência com o caráter de literatura infantil da obra, e sua troca de saberes com participantes de seu próprio mundo, embora vinculados a culturas distintas, e com o saci, criatura do mundo imaginário, como já foi dito. Fica claro que um sustentáculo importante da obra é a representação do rompimento de fronteiras e a troca de saberes, por parte de Pedrinho, o protagonista, cujo significado revelar-se-á diante do objetivo final da obra: o conhecimento e o domínio do medo, simbolizado na figura da monstruosa Cuca, que ele e o saci precisarão enfrentar para salvar a irmã de Pedrinho, Narizinho, que o monstro encantara. Uma leitura da obra neste terceiro milênio, após quase trinta anos de evolução vertiginosa das conquistas e métodos dos estudos culturais, revela, logo nas primeiras páginas, uma percepção do outro marcada pelo típico e disforme, especialmente na descrição de tia Nastácia, cozinheira do Sítio do Pica-pau Amarelo, residência de Dona Benta, avó de Pedrinho, e sua neta, Narizinho, onde Pedrinho passa suas férias escolares. Em consonância com a distribuição de papéis étnico-sociais da população brasileira da primeira metade do século passado, tia Nastácia é uma senhora negra, ingênua, portadora de um saber popular, não escolarizado: figuração da 'senzala', por assim dizer, do Sítio, em oposição a Dona Benta e seus netos, pertencentes à 'casa-grande'. Embora não haja, na obra em estudo, elementos que sugiram racismo (inferioridade/superioridade de alguma raça em relação a outras), o narrador do livro se deixa, em alguns momentos, permear por marcas de estranhamento cultural em relação a tia Nastácia, como no seguinte trecho:

> A negra, muito cautelosamente, mergulhava a peneira por baixo dos capinzinhos boiantes e suspendia-a de repente, de surprêsa. A água escoava-se pelos furos e na peneira aparecia uma porção de vidinhas aquáticas, a saltar e espernejar: guarus barrigudinhos, lambarizinhos novos, pequeninas traíras e de vez em quando um baratão-d'água muito casquento e feio. E outros bichinhos ainda, incompreensíveis e sem nome. Certo dia a peneira trouxe uma cobra d'água verde, que a negra jogou sôbre o capim da margem. Foi uma gritaria e uma correria das crianças.
>
> – Não tenham mêdo que não é venenosa! – disse a negra rindo-se com tôda a gengivada vermelha de fora. Mas os meninos não quiseram saber de nada. Ficaram a espiar de longe. A cobra verde foi coleando por entre os capins e se sumiu de novo na água. (LOBATO, 1965, p. 180).

A relação de tia Nastácia com Pedrinho e Narizinho é familiar e amistosa, e ela, embora não escolarizada, possui um saber próprio das coisas de sua região, como o fato de que a cobra é inofensiva. É, no entanto, a referência a ela como 'negra' um termo diferenciador, tanto de etnia (em oposição a Pedrinho e Narizinho, brancos),

quanto de classe (indica a empregada da casa, em oposição aos demais, senhores), atenuado sem dúvida pelas relações familiares que pautam a convivência dela com os demais membros da casa. Outra referência que assinala tia Nastácia como um 'outro' em relação ao narrador é a descrição de seu riso "com toda a gengivada de fora", portanto, um traço dado como 'disforme' pelo narrador. Sem que se possa falar, assim, em racismo, há sem dúvida, em vários trechos, uma interiorização das diferenças culturais e de classe no padrão 'casa grande/senzala', pelo narrador. Essa interiorização de uma diferença aparece também na figura do tio Barnabé, introduzido na narrativa por uma referência de tia Nastácia, diante do interesse de Pedrinho pela figura folclórica do saci:

> Desde êsse dia ficou Pedrinho com o saci na cabeça. Vivia falando em saci e tomando informações a respeito. Quando consultou tia Nastácia, a resposta da negra foi, depois de fazer o pelo-sinal e dizer " Credo!":
>
> Pois saci, Pedrinho, é uma coisa que branco da cidade nega, diz que não há – mas há. Não existe negro velho por aí, dêsses que nascem e morrem no meio do mato, que não jure ter visto saci. Nunca vi nenhum, mas sei quem viu.
>
> – Quem?
>
> – O tio Barnabé. Fale com êle. Negro sabido está ali! Entende de tôdas as feitiçarias, e de saci, de mula-sem-cabeça, de lobisomem – de tudo.
>
> Pedrinho ficou pensativo. (LOBATO, 1965, p. 184).

Do trecho citado, cabem várias observações. A ingenuidade de tia Nastácia, ao procurar, diante da simples referência ao saci, afastá-la ao modo popular do pelo-sinal e da interjeição de origem religiosa "Credo". Em seguir, a própria tia Nastácia estabelece uma dupla oposição (branco: da cidade X negro: da roça) para significar a descrença daqueles em relação ao saci, segundo ela, injustificada. A referência ao tio Barnabé permite inferir ainda uma terceira oposição: ele é um 'negro sabido', portanto, um oposto do 'branco letrado'. O trecho descreve então uma oposição cultural tripla vigente à época (e, de vária forma, presente até hoje), de matiz étnico-social-espacial, que se reflete e cristaliza em duas vias distintas de conhecimento: a letrada e a sapiencial. Incapaz de satisfazer-se com a versão 'branca', citadina, letrada, que seria, em princípio, a de seu mundo cultural, Pedrinho decide-se a procurar tio Barnabé como fonte autorizada da outra vertente cultural. Aqui se salienta, pois, uma característica fundamental da obra: a disposição do protagonista em 'romper fronteiras' para esclarecer os enigmas que o ocupam e, assim, abrir-se a outros saberes. Dessa maneira decidido, Pedrinho procura tio Barnabé em sua humilde casa para ter uma lição de saci:

> – Tio Barnabé, eu vivo querendo saber duma coisa e ninguém me conta direito. Sôbre o saci. Será mesmo que existe saci?
>
> O negro deu uma risada gostosa e, depois de encher de fumo picado o velho pito, começou a falar.

> – Pois, Seu Pedrinho, saci é uma coisa que eu juro que "exéste". Gente da cidade não acredita – mas "exéste". A primeira vez que vi saci eu tinha assim a sua idade. Isso foi no tempo da escravidão, na Fazenda do Passo Fundo, que era do defunto Major Teotônio, pai dêsse Coronel Teodorico, compadre de sua avó, Dona Benta. Foi lá que vi o primeiro saci. Depois disso, quantos e quantos!...
>
> – Conte, então, direitinho, o que é o saci. Bem tia Nastácia me disse que o senhor sabia – que o senhor sabe tudo...
>
> – Como não hei de saber tudo, menino, se já tenho mais de oitenta anos? Quem muito "véve", muito sabe... (LOBATO, 1965, p. 185-6).

No trecho acima, que introduz a entrada em cena de tio Barnabé na narrativa (ele, como foi visto, fora referido por tia Nastácia no capítulo anterior da obra), há, em relação a ele, como aliás em relação a tia Nastácia também, uma proximidade afetiva da parte do narrador. Aqui, ele é descrito como detentor de "uma risada gostosa" e, desde o princípio de sua fala, afirma-se como portador de um saber vivido, de testemunha dos fatos que narra. Ele é também alguém que já viveu muito, o que, na sua esfera sapiencial, indica alguém que "muito sabe", saber não letrado, como o narrador indica na fala do tio Barnabé, pontuada de formas populares de pronúncia dos vocábulos, "exéste", "véve", mas que é capaz de haurir um conhecimento profundo da vida pela experiência direta. O texto valoriza, assim, a troca de experiências interculturais, viabilizadas pelo rompimento de fronteiras e pela troca de saberes. Mais tarde, Pedrinho irá procurar outra vez tio Barnabé, desta vez em busca de informação que o ajude a capturar um saci. E o tio Barnabé, satisfeito, assim se expressa:

> – Gosto de ver um menino assim. Bem mostra que é neto do defunto sinhô velho, um homem que não tinha mêdo nem de mula-sem-cabeça. Há muitos jeitos de pegar saci, mas o melhor é o de peneira. Arranja-se uma peneira de cruzeta...
>
> – Peneira de cruzeta? – interrompeu o menino. – Que é isso?
>
> – Nunca reparou que certas peneiras têm duas taquaras mais largas que se cruzam bem no meio e servem para refôrço? Olhe aqui – e tio Barnabé mostrou ao menino uma das tais peneiras que estava ali num canto. Pois bem, arranja-se uma peneira destas e fica-se esperando um dia de vento bem forte, em que haja rodamoinho e *zás!* – joga-se a peneira em cima. Em todos os rodamoinhos há saci dentro, porque fazer rodamoinhos é justamente a principal ocupação dos sacis neste mundo.
>
> – E depois?
>
> – Depois, se a peneira foi bem atirada e o saci ficou prêso, é só dar jeito de botar êle dentro de uma garrafa e arrolhar muito bem. Não esquecer de riscar uma cruzinha na

> rôlha, porque o que prende o saci na garrafa não é a rôlha e sim a cruzinha riscada nela. É preciso ainda tomar a carapucinha dêle e a esconder bem escondida. Saci sem carapuça é como cachimbo sem fumo. (LOBATO, 1965, p. 193).

Tio Barnabé, portanto, vê em Pedrinho um duplo do avô, alguém que também era valente e se dispunha a atravessar fronteiras em busca do conhecimento. Ele dá a Pedrinho uma aula completa de como capturar um saci, e isso prepara a futura entrada, na narrativa, de um novo mundo: o fantástico. O exercício da imaginação, assim, é viabilizado pela experiência intercultural do protagonista. A riqueza de detalhes com que tio Barnabé descreve os procedimentos para a captura de um saci dá a esta uma verossimilhança fundamental para o grande passo pretendido por Pedrinho: na narrativa, tal passo entretanto não representa a fuga do real, notemos bem, mas o exercício do imaginário e, com isso, um enriquecimento da experiência real, redimensionada pelos novos desafios propostos. Com efeito, ao seguir fielmente as instruções do tio Barnabé, Pedrinho captura, orgulhosamente, um saci. Mas a garrafa, para sua decepção, está, ou parece estar, vazia. Numa terceira consulta ao tio Barnabé, este esclarece o mistério: o saci está lá dentro, sim, invisível, mas é preciso esperar um dia em que se esteja na modorra, num estado limiar entre sonho e realidade, portanto, para que o saci se manifeste. Assim resolvido o mistério, Pedrinho guarda a garrafa com o saci em seu quarto, para escândalo da boa tia Nastácia, à espera de uma ocasião propícia. Esta surge num dia em que Pedrinho decide ir à "mata virgem de seus sonhos", desarmado de seu bodoque, levando consigo apenas a "arma melhor": o saci na garrafa (p. 197). O lugar ermo e a beleza da paisagem descrita preparam a transição do real ao imaginário, do cotidiano ao fantástico:

> Encantado com a beleza daquele sítio, o menino parou para descansar. Juntou um monte de fôlhas caídas; fêz cama; deitou-se de barriga para o ar e mãos cruzadas na nuca. E ali ficou num enlêvo que nunca sentira antes, pensando em mil coisas em que nunca pensara antes, seguindo o vôo silencioso das grandes borboletas azuis e embalando-se com o chiar das cigarras.
>
> De repente notou que o saci dentro da garrafa fazia gestos de quem quer dizer qualquer coisa.
>
> Pedrinho não se admirou daquilo. Era tão natural que o capetinha afinal aparecesse... (LOBATO, 1965, p. 198-9).

Chamo a atenção, aqui, para a transição operada entre o primeiro e o segundo parágrafo: naquele, Pedrinho prepara-se para entrar num estado de ânimo receptivo, numa harmoniosa comunhão com a natureza, táctil – a cama de folhas –, visual – a paisagem, as borboletas –, e auditiva – o chiar das cigarras. Todas essas percepções sensoriais – próprias, cabe lembrar, da arte, – embalam-no até uma percepção e um pensamento novos sobre as coisas, que ele "nunca sentira", "nunca pensara" antes. No segundo parágrafo, essa harmonia do ser sensorial e imaginativo instaura um novo espaço, que pautará doravante a narrativa: imaginário e fantástico, em que é bem

"natural" a aparição, tão desejada, do saci. Novamente a entrada no espaço mágico do imaginário é viabilizada por um ato fundador: a retirada consciente do mundo cotidiano, corajosa e desarmada das armas triviais – o bodoque – em proveito da melhor arma – o saci. Esta deposição, depois troca, de armas, revela, da parte de Pedrinho, a confiança da entrada no imaginário, para a qual ele se prepara. A aparição do saci, embora fantástica, não é, assim, inesperada. Mas, instaurado o novo espaço, com suas regras próprias, um primeiro desafio apresenta-se ao valente menino:

> – Que aconteceu que está assim inquieto, meu caro saci? – perguntou-lhe em tom brincalhão.
>
> – Aconteceu que êste lugar é o mais perigoso da floresta; e que se a noite pilhar você aqui, era uma vez o neto de Dona Benta...
>
> Pedrinho sentiu um arrepio correr-lhe pelo fio da espinha.
>
> – Por quê? – perguntou, olhando ressabiadamente para todos os lados.
>
> – Porque é justamente aqui o coração da mata, ponto de reunião de sacis, lobisomens, bruxas, caiporas e até da mula-sem-cabeça. Sem meu socorro você estará perdido, porque não há mais tempo de voltar para casa, nem você sabe o caminho. Mas o meu auxílio eu só darei sob uma condição...
>
> – Já sei, restituir a carapuça! – adiantou Pedrinho.
>
> – Isso mesmo. Restituir-me a carapuça e com ela a liberdade. Aceita?
>
> – Que remédio!
>
> Pedrinho sentia muito ver-se obrigado a perder um saci que tanto lhe custara a apanhar, mas como não tinha outro remédio senão ceder, jurou que o libertaria se o saci o livrasse dos perigos da noite e pela manhã o reconduzisse, são e salvo, à casa de Dona Benta. (LOBATO, 1965, p. 199).

A aventura passa a se caracterizar como uma passagem, das trevas para a luz, da parte de Pedrinho. O primeiro contato dele com o saci firma então um pacto e uma troca: o saci recupera a liberdade e Pedrinho, a segurança. Para poder empreender sua aventura, Pedrinho deve sacrificar a presa tão arduamente obtida. Isto representa, no espaço mágico narrado, um restabelecimento da ordem: a liberdade que Pedrinho retirara do saci ser-lhe-á agora restituída; em troca, ele obterá ajuda para realizar a passagem de retorno. Mas esta passagem não será neutra para o personagem: de vez que a obra de arte literária "aparece, pois, como um objeto de conhecimento *sui generis* que tem uma categoria ontológica especial" (WELLEK & WARREN, s.d., p. 189), e sendo a narrativa de *O saci* de ordem sapiencial, o retorno só será alcançado mediante uma transformação do personagem, uma escolha com que ele deve arcar a partir do saber agora adquirido. A primeira aprendizagem proveniente do pacto com o saci, destarte, é a da liberdade:

> – Muito bem – disse o saci. – Mas nesse caso você tem de abrir a garrafa e me soltar. Terei assim mais facilidade de ação. Você jurou que me liberta; eu dou a minha palavra de saci que mesmo sôlto o ajudarei em tudo. Depois o acompanharei até o sítio para receber minha carapuça e despedir-me de todos.
>
> Pedrinho soltou o saci e durante o resto da aventura tratou-o mais como um velho camarada do que como um escravo. Assim que se viu fora da garrafa, o capeta pôs-se a dançar e a fazer cabriolas com tanto prazer que o menino ficou arrependido de por tantos dias ter conservado prêsa uma criaturinha tão irrequieta e amiga da liberdade.
>
> – Vou revelar os segredos da mata virgem – disse-lhe o saci – e talvez seja você a primeira criatura humana a conhecer tais segredos. Para começar, temos de ir ao "sacizeiro" onde nasci, onde nasceram meus irmãos e onde todos os sacis se escondem durante o dia, enquanto o sol está de fora. O sol é o nosso maior inimigo. Seus raios espantam-nos para as tocas escuras. Somos os eternos namorados da lua. É por isso que os poetas nos chamam de filhos das trevas. (LOBATO, 1965, p. 199-200).

Ao libertar o saci da garrafa, Pedrinho testemunha a alegria do reencontro deste com a liberdade e se comove; narrativamente, este episódio instaura uma primeira identificação entre os dois, o apreço pela liberdade. A troca entre os dois se reafirma na decisão do saci, em recompensar Pedrinho com um saber novo: os segredos da mata virgem. Na escala de valores narrativos apresentados, portanto, a determinação, o contato intercultural, a coragem e a bondade de Pedrinho viabilizam-lhe o acesso produtivo a um novo mundo, capaz de exercitar a imaginação e a redimensionar suas relações com a realidade prática. Sendo um humano e, portanto, um detentor de cultura 'solar', Pedrinho agora conhecerá seu oposto e complemento, o mundo do saci e demais criaturas das trevas, de cultura 'lunar', portanto. Mas, após a visita ao sacizeiro, a dupla encontrará novos desafios na floresta, que, embora não cotidianos, nada têm, tampouco, de fantásticos: o ataque de uma onça, em que o saci salva Pedrinho, primeiramente ensinando qual a melhor árvore em que subir para escapar da fera, e, depois, colhendo e atirando nos olhos dela um preparado irritante, pó-de-mico. Em seguida, Pedrinho encontra uma aparição pavorosa, com corpo de cobra e cabeça de boi, que o saci, após examinar com atenção, explica que é apenas uma sucuri devorando um boi. Esses dois episódios, da onça e da cobra, se passam num espaço de transição entre os dois mundos, nem solar-cotidiano, nem lunar-fantástico. Aqui Pedrinho e o saci compartilham um território fronteiriço, nem totalmente próprio de um nem do outro, que serve para aquele receber lições deste e questionar o saber próprio de sua cultura, predominantemente letrada. Pedrinho entra, neste ponto, num estágio de maravilhamento com o real, mas um real especial, a que sua cultura de origem não dá acesso. A troca de saberes com o saci neste espaço diluidor de fronteiras viabilizará, assim, o enriquecimento de Pedrinho enquanto ser em aprendizagem,

reconhecendo tanto a complexidade e os perigos da mata como o valor da esperteza, da astúcia, – próprias do saci – para sobrepujar a força, como um novo episódio, a luta das cobras, revela:

> Luta terrível! Pedrinho nunca imaginou um tal espetáculo. A muçurana enleou-se na cascavel e as duas rebolaram no chão como minhocas loucas. Muito tempo estiveram assim. Finalmente a cascavel morreu sufocada, e a muçurana engoliu-a inteirinha, apesar de serem ambas do mesmo tamanho.
>
> – Que horror! – exclamou Pedrinho. – A vida nesta floresta não tem sossêgo. Só agora compreendo por que os animais selvagens são tão assustados. A vida dêles corre um risco permanente, de modo que só escapam os que estão com todos os sentidos sempre alerta.
>
> – É o que os sábios chamam a luta pela vida. Uma criatura vive da outra. Uma come a outra. Mas para que uma criatura possa comer outra, é preciso que seja mais forte – do contrário vai comer e sai comida.
>
> – Mais forte só?
>
> – Mais forte ou mais esperta. Aqui na mata todos procuram ser fortes. Os que não conseguem ser fortes, tratam de ser espertos. Na maior parte dos casos a esperteza vale mais do que a fôrça. Os sacis, por exemplo, não são fortes – mas ninguém os vence em esperteza. (LOBATO, 1965, p. 208-9).

O espaço comum de Pedrinho e o saci permite revelar a superioridade deste, portanto. No sentido sapiencial da narrativa, ele reafirma a vantagem da esperteza sobre a força bruta. O espaço comum a realidade e imaginação é o palco da aprendizagem de Pedrinho, que, como parte da lição, deve aprender a distinguir entre aparência e realidade. O saci aponta um galhinho seco a Pedrinho, que não vê nada de especial nele. Para sua surpresa, no entanto, o saci o informa de que o tal galho é, na verdade um bichinho que se faz de inanimado para defender-se de inimigos; custando a acreditar, e desejando pôr a informação à prova, Pedrinho cutuca o galho e constata, surpreso diante do movimento dele, que é mesmo um bichinho, para divertimento do saci, que propõe um novo problema:

> – E aquilo? – perguntou o saci apontando para uma fôlha. – Que parece a você que aquilo é?
>
> Pedrinho olhou; viu bem que era uma fôlha de árvore; mas como já estava ficando sabido nas traições da floresta, piscou para o saci e disse:
>
> – Desta vez não caio na esparrela. Parece que é uma fôlha, mas com certeza é outro bichinho que se disfarça em fôlha. E cutucou-a para ver se se mexia. A fôlha, porém, não se mexeu.
>
> – É fôlha mesmo, bobinho! – disse o saci dando uma

> risada. – Inda é muito cedo para você "ler" a mata. Isto é livro que só nós, que aqui nascemos e vivemos tôda vida, somos capazes de interpretar. Um menino da cidade, como você, entende tanto da natureza como eu entendo de grego.
>
> – Realmente, saci! Estou vendo que aqui na mata sou um perfeito bobinho. Mas deixe estar que ainda ficarei tão sabido como você.
>
> – Sim, com o tempo e muita observação. Quem observa e estuda, acaba sabendo. Aqui, porém, nós não precisamos estudar. Nascemos sabendo. Temos o instinto de tudo. Qualquer dêsses bichinhos que você vê, mal sai dos casulos e já se mostra espertíssimo, não precisando dos conselhos dos pais. Bem consideradas as coisas, Pedrinho, parece que não há animal mais estúpido e lerdo para aprender do que o homem, não acha? (LOBATO, 1965, p. 210-1).

A incapacidade do letrado Pedrinho em "ler" o "livro" da mata o leva a questionar seu saber culturalmente herdado: ele reconhece ser, naquele espaço limite, um "bobinho", o que não o desanima: ele promete tornar-se ainda tão sabido quanto o saci. Este, por sua vez, não nega (e isto é importante aqui) tal possibilidade, fruto afinal de observação e estudo, parâmetros afinal empregados na cultura de Pedrinho para produzir saber. No entanto, conforme o saci, é em função das próprias condições de produção de saber que o homem deveria reconhecer-se atrasado e lerdo, em comparação com as demais criaturas, que já nascem sabendo. Começa aqui, no exato meio da narrativa, um diálogo entre os dois companheiros, que servirá para Pedrinho entender as limitações, não só de sua cultura específica, mas de sua forma de vida própria, em sentido geral. Com efeito, seus argumentos, um a um, serão refutados pelo astucioso saci. Assim, as invenções, como o avião, revelam apenas um atraso formidável do homem em relação aos patos. A capacidade de ler também é minimizada pelo saci: "Mas que adianta a um bôbo saber o que outro bôbo pensou?" (p. 213) E, finalmente, diante da alegação de Pedrinho de que o homem é a "glória da natureza", o saci rebate com a temível guerra (era época da Segunda Guerra Mundial então). Pedrinho ainda replica:

> – E vocês aqui não usam guerras também? Não vivem a perseguir e comer uns aos outros?
>
> – Sim; um comer o outro é a lei da vida. Cada criatura tem o direito de viver e para isso está autorizada a matar e comer o mais fraco. Mas vocês homens fazem guerra sem ser movidos pela fome. Matam o inimigo e não o comem. Está errado. A lei da vida manda que só se mate para comer. Matar por matar é crime. E só entre os homens existe isso de matar por matar – por esporte, por glória, como êles dizem. Qual, Pedrinho, não se meta a defender o bicho homem, que você se estrepa. E trate de fazer como Peter Pan, que embirrou de não crescer para ficar sempre menino, porque não há nada mais sem graça do que gente grande. Se todos os meninos do mundo fizessem greve, com Peter Pan, e nenhum crescesse, a humanidade endirei-

> taria. A vida lá entre os homens só vale enquanto vocês se conservam meninos. Depois que crescem, os homens viram uma calamidade, não acha? Só os homens grandes fazem guerra. Basta isso. Os meninos apenas brincam de guerra. (LOBATO, 1965, p. 214-5)

Conforme o trecho acima, o homem erra por violar um princípio da natureza: ele mata não só para comer (lei da vida), mas apenas por matar, sob justificativas vãs: esporte, glória. A atitude do homem diante da natureza, assim, é apresentada (lembrar que o livro tem mais de 70 anos!) como injustificável ("não se meta a defender o bicho homem, que você se estrepa"). Mais especificamente, como aponta o saci, o homem adulto. O texto, aqui, representa uma apologia daquele estado de alma comungado com as experiências primordiais da existência, a infância, e defende sua permanência, dentro do homem adulto, como valor. Ele reage, portanto, à tendência massificadora e friamente racionalista do século vinte, propondo, não a infantilização, mas a manutenção daquele estado especial que rejeitava a idéia de exterminar os outros, especialmente em massa; como o saci afirma, os meninos "apenas brincam de guerra". A cultura letrada também é questionada, assim que o tópico do livro retorna à baila:

> – Não temos livros – disse o saci – porque não precisamos de livros. Nosso sistema de saber as coisas é diferente. Nós *adivinhamos* as coisas. Herdamos a sabedoria de nossos pais, como vocês, homens herdam propriedades ou dinheiro. Nascer sabendo! Isso é que é o bom. Um pernilongo, por exemplo. Sabe como é a vidinha dêle? Nasce na água, saído de um ovinho. Logo que sai do ovinho ainda não é pernilongo – é o que vocês chamam "larva" – uma espécie de peixinho que nada e mergulha muito bem. Um dia essa larva cria asas, pernas compridas e voa. E que faz quando voa?
>
> – Vai cantar a música do *fiun* e picar as pessoas que estão dormindo em suas camas. É isso o que êsses malvadinhos fazem.
>
> – Muito bem! – tornou o saci. – E quem ensina o pernilongo a fazer isso? Os pais? Não, porque depois de soltar os ovos na água os pais dos pernilonguinhos morrem. Os livros? Não, porque êles não têm livros. Pois apesar disso sabem tudo quanto precisam saber. [...] Sabem tudo direitinho – e ninguém os ensina. Logo, êles têm a ciência de tudo dentro de si mesmos, como vocês têm tripas e estômago e pacuera. (LOBATO, 1965, p. 220-1).

À herança dos homens, propriedades ou dinheiro, o saci opõe a herança da sabedoria, por todas as criaturas. Por isso, para elas o livro é desnecessário: ele já está dentro das criaturas, mesmo dos desprezíveis pernilongos, cheios da "ciência de tudo", ao contrário dos homens, forrados apenas de tripas e ignorância. Mas, nesta linha de argumentação, o texto avizinha-se de uma supernaturalização dos valores que ameaçaria, em largo prazo, apagar a relevância da própria individualidade humana. O modo próprio do homem é no entanto resgatado em seu sentido mais profundo quando, prestes a ver as criaturas da noite, os dois companheiros tocam no tema do medo:

> – [...] Ando desconfiado que tudo não passa de sonho. Eu não via nada na garrafa, antes de ter caído naquela modorra. Assim que a modorra chegou, você apareceu na garrafa e começou a falar. Desconfio que estou sonhando... Desconfio que isto é um pesadelo... Nos pesadelos é que aparecem monstros horríveis. Por quê? Por que é que há coisas horríveis?
>
> – Por causa do *mêdo*, Pedrinho. Sabe o que é mêdo?
>
> [...]
>
> – Sei, sim. O mêdo vem da incerteza.
>
> – Isso mesmo – disse o saci. – A mãe do mêdo é a *incerteza* e o pai do mêdo é o *escuro*. Enquanto houver escuro no mundo, haverá mêdo. E enquanto houver mêdo, haverá monstros como os que você vai ver.
>
> – Mas se a gente vê êsses monstros, então êles existem.
>
> – Perfeitamente. Existem para quem os vê e não existem para quem não os vê. Por isso digo que os monstros existem e não existem.
>
> – Não entendo – declarou Pedrinho. – Se existem, existem. Se não existem, não existem. Uma coisa não pode ao mesmo tempo existir e não existir.
>
> – Bobinho! – declarou o saci. – Uma coisa existe quando a gente acredita nela; e como uns acreditam em monstros e outros não acreditam, os monstros existem e não existem. (LOBATO, 1965, p. 226-7).

Aqui se configura o sentido da jornada: Pedrinho, como homem, é voltado para a aprendizagem, pois não nasce sabendo; como cada indivíduo deve, no curso de sua aprendizagem, ser não um receptáculo passivo, mas um elemento atuante e questionador, ele deve evitar o isolamento em sua cultura e aprender a lidar com situações interculturais e interfronteiriças, além de estar aberto à troca de saberes provenientes de cada dados indivíduo e cultura. Finalmente, e aqui ele compreende seu "estado de passagem", ele deve vencer a fatídica incerteza inerente ao aprendizado e a lidar (não evitar, nem desprezar) com o medo. Neste trecho significativo, o medo, filho da incerteza e do escuro, é equacionado pela imaginação criadora, que concebe monstros como forma de focar mais diretamente um objeto de medo e, assim, preparar o espírito aprendiz para lidar com ele. "No medo [conforme Goldstein], encontramo-nos diante de um objeto ao qual nos opomos, do qual podemos procurar desembaraçar-nos ou do qual podemos fugir" (ABBAGNANO, 2000, p. 323a). O exercício imaginativo do medo é destarte, em seu sentido mais profundo, um exercício de nossa capacidade de promover escolhas, de refletir sobre elas e de assumir a plena responsabilidade por elas. Assim reconhecido por Pedrinho, o caráter de existir e não existir dos monstros, conforme cada indivíduo, e compreendido o significado maior do medo, ele pode agora conhecer as várias criaturas da noite: Lobisomem, Mula-sem-cabeça, Porca dos Sete Leitões, Caipora e, finalmente, a terrí-

vel Cuca, que encantou Narizinho e deve ser enfrentada. "Cuca é avô em *nbundo* e o trago, que se engole de uma vez, no idioma tupi. Assim os elementos indígenas e africanos concorrem para a dispersão do mito nos elementos característicos" (CASCUDO, s.d., p. 325a). O monstro é citado ainda como tema em procissões do interior brasileiro e em cantigas de ninar, sendo, conforme Cascudo ainda, desconhecido um equivalente europeu do mesmo (s.d., p. 325b). Simultaneamente, pois, um monstro legitimamente americano e transcultural, sua caçada representa a superação de pré-conceitos culturais e o ato transpositor de fronteiras para afirmar o verdadeiro ser americano, múltiplo em sua aparente unidade, aberto ao diálogo e à troca em seu processo de autodescobrimento. A aventura termina, consequentemente, com o triunfo sobre o monstro e o resgate de Narizinho, bem como com um Pedrinho mais sábio e grato, que reconhece para a avó o valor do saci: "Sem a sua astúcia e conhecimento da vida misteriosa da floresta e dos hábitos da Cuca, eu sòzinho nada teria conseguido. Absolutamente nada." (p. 274) Mas cabe também reconhecer no valente menino protagonista a humildade e coragem de ter aceitado o saber do outro, o que o torna também, sem dúvida não menos, um herói.

CONCLUSÃO

Do que foi exposto, posso concluir que: a) o livro é tributário de uma visão discriminatória tradicional e interiorizada na cultura brasileira, que gravita em torno do binômio 'casa grande/ senzala'; b) no entanto, ele propugna o cruzamento de fronteiras culturais e a troca de saberes como forma de enriquecimento do homem, desde menino, em seu processo de aprendizagem; c) o significado maior do exercício da imaginação é preparar o homem para lidar com o medo, devendo ele estar sempre pronto a questionar suas práticas e a tomar parte ativa em seu processo de aprendizagem; d) a trajetória do protagonista Pedrinho revela sua progressiva transformação pelos contatos interculturais e, em especial, com o saci, que revela as principais contradições do homem; e) Pedrinho reconhece o fim da aventura o valor do amigo, assinalando a conclusão da "passagem" narrada como uma paideia, um processo de educação realizado. Portanto, guardadas as discriminações da época em que foi escrito o livro, ele mantém, no terceiro milênio, intacta sua lição sapiencial fundamental, provando o valor perene da obra de Monteiro Lobato.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

LOBATO, Monteiro. *Viagem ao céu. O saci*. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1965. (Obras Completas, 2ª. Série – Literatura Infantil, v.2)

WELLEK, René & WARREN, Austin. *Teoria da Literatura*. 4. ed. Mem Martins: Publicações Europa-América, s.d.